

“Exigência de acordo com FMI não deve afetar negociação com bancos”

por **Ronaldo D'Ercole**
de São Paulo

A exigência de que o Brasil feche um programa econômico monitorado com o Fundo Monetário Internacional (FMI) não deve ser vista como um fato capaz de pôr em risco a conclusão do acordo para refinanciamento da dívida externa com os credores privados.

Esta é a opinião de Antônio de Pádua Rocha Diniz, presidente da Federação Brasileira das Associações de Bancos (Febraban), sobre as condições impostas recentemente pelos credores aos negociadores do governo brasileiro que retornaram na terça-feira ao País.

“Dentro do contexto de mudança de atitude do FMI para o monitoramento dos programas econômicos dos países endividados, que agora parece mais brando, a impressão é de que o acompanhamento exigido pelos credores seja algo suportável”, ponderou ele.

Rocha Diniz entende que a adoção pelo FMI de exigências menos rigorosas para o cumprimento das metas de ajuste das economias dos países endividados não significa uma atitude sem fundamento. “Deve haver o reconhecimento do Fundo aos esforços do ministro da Fazenda, Mailson Ferreira da Nóbrega, para deter o processo inflacionário e reduzir o déficit público”, admitiu.

Para o presidente da Febraban, o FMI não é “um



**Antonio de Pádua
Rocha Diniz**

bicho de sete cabeças” mas, apenas um clube do qual o País faz parte como sócio. Por isso, diz ele, “freqüentá-lo ou não é um direito que temos”. Reafirmando que a noção de monitoramento é uma idéia vaga, o banqueiro não descarta a hipótese de o País recusar-se a um acordo com o Fundo. “Não devemos aceitar uma ingerência tal que acabe criando um constrangimento insuportável à soberania nacional”, destacou o banqueiro.

Mas não é essa, a seu ver, a situação vivida atualmente, pois, com o FMI menos exigente, deve-se supor que um possível monitoramento do Fundo não comprometa a soberania do País. Para reforçar essa convicção, Rocha Diniz se diz otimista com o sucesso do acordo, e, afirma, concluindo, que “no capítulo da negociação, nunca estivemos tão bem”.